

O CONCEITO DE GÊNERO NA VISÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS (OS): UMA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO¹

Bolsista Liliane Souza de Barros
Voluntária Heloísa Melo de Almeida
Coordenadora Gislaine da Nóbrega Chaves
Centro de Ciências Aplicadas e Educação/Departamento de Educação/PROLICEN

Introdução

O final do século XIX se apresenta como um marco de luta feminista no Ocidente, tendo sido a virada desse século compreendida como momento de manifestações pelo direito ao voto, acompanhadas da luta por acesso a algumas profissões e à escola, movimento sufragista que, de acordo com Louro (1990), resultou na “primeira onda” do movimento feminista. Já a “segunda onda”, iniciada no final da década de 1960, se constitui no momento em que, além das preocupações sociais e políticas, haverá uma preocupação com as construções teóricas que propiciam os estudos da mulher e com desdobramentos que culminaram na elaboração do conceito de gênero, estando, portanto, o referido conceito relacionado à história do movimento feminista contemporâneo (LOURO, 1990). No Brasil, esse conceito foi disseminado no final da década de 1980.

Aqui não é demais dizer que o breve contexto apresentado propiciou mudanças do genérico substantivo mulher para o conceito de gênero, possuindo o termo mulher significado ambíguo, o qual precisamos abalizar, pois já não se pode falar no sujeito mulher como expressão de uma identidade unívoca. As dissensões ocorridas no interior do movimento feminista, pela reivindicação de mulheres negras, indígenas, lésbicas e pobres, revelam a impossibilidade em desconsiderar as diversidades de gênero, de classe e étnicas (CHAVES, 2009).

Scott (1990), no texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, destaca o referido conceito, em dois momentos; no primeiro, “o gênero é elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e, no segundo, a autora nos remete ao gênero “como uma forma primária de dar significado às relações de poder”

¹ Participaram do primeiro momento do projeto (leituras, planejamento, execução das oficinas e transcrição dos dados), realizado na Universidade Federal do Tocantins (UFT), a Prof.^a Lídia Paula Vieira Barros, que atua na Escola Estadual Henrique Figueiredo de Brito, no município de Babaçulândia-TO, voluntária que colaborou com o planejamento e execução da Oficina, juntamente com a Prof.^a Dra. Gislaine da Nóbrega Chaves, coordenadora do projeto, bem como a bolsista permanência Alaís Cristynne Silva dos Santos, discente do Curso de Letras, Universidade Federal do Tocantins (UFT), que transcreveu os dados analisados.

(SCOTT, 1990, p. 86). Isso significa que o sexo e o poder se encontram imbricados nas relações de gênero, e, como bem afirma Saffioti (2003), gênero, classe e etnia se constituem no tripé por meio do qual se organizam as desigualdades e se agudizam os conflitos sociais em nossa sociedade. Segundo Chaves (2009, p. 23):

(...) passou-se a articular o conceito de gênero, a partir da década de 1980 e 1990, aos conceitos de classe, etnia/raça, geração, orientação sexual, na tentativa de compreender as várias estruturas e dinâmicas de desigualdade. Por isso, podemos considerar os estudos feministas como multidisciplinares, uma vez que focalizam diversas temáticas, práticas sociais e experiências de mulheres.

No século XXI, ao lado da pobreza econômica, que aflige mulheres e homens, outros conflitos permeiam o cotidiano dos sujeitos, a exemplo das relações de gênero que não devem estar dissociadas das questões étnicas e culturais. Portanto, faz-se necessário investir na formação política, social, técnica e humana de mulheres e de homens, considerando suas diferenças. Segundo Louro (1990, p. 88), “(...) a escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres – elas organizam e ocupam o espaço (...)”, que, nos seus primórdios, estava reservado apenas para as mulheres, as ditas ‘solteironas’ ou tias, já que o “destino” e “profissão” da mulher era ser esposa e mãe. Assim, a escola foi idealizada como se fosse uma extensão do lar, confundindo-se com o espaço doméstico, ocorrendo, pois, um apartamento de sua representação como um lugar, concomitantemente, de exercício da profissão docente e de manifestação de afetos. Portanto, pensar no empoderamento das mulheres significa redimensionar nossa concepção de escola e da profissão docente, propiciando não somente o acesso, mas a qualidade no ensino, tendo em vista que na escola se consubstancia a dimensão social do fazer educativo. Por isso, faz-se necessário fortalecer o processo educativo, como afirmara Paulo Freire (1987), entrecruzando a leitura de mundo com a leitura da palavra, ou seja, nos reabastecendo com a realidade concreta de homens e mulheres de “carne e osso”!

Materiais e Métodos

Nossa metodologia fundamentou-se nas oficinas de pesquisa compreendidas como realidades planejadas, em que as pessoas têm oportunidade de refletir, discutir, socializar e avaliar determinados temas e situações-problema (CHAVES; STORNI, 2002). Participaram da oficina de pesquisa, intitulada *Gênero, o que é isso?*, 17 discentes de vários cursos da Universidade Federal do Tocantins (UFT). O objetivo dessa oficina foi problematizar como ocorrem os diversos tipos de discriminação de gênero, mostrando como as iniquidades de

gênero afetam a qualidade de vida de homens e mulheres. Analisamos as relações de gênero, focalizando alguns de seus desdobramentos: masculinidades/feminilidades. O eixo temático, Gênero e Subjetividade, norteador da oficina oportunizou discutir aspectos da subjetividade da mulher e do homem, priorizando a qualidade de vida cognitiva e emocional da mulher, tendo como contraponto o recorte étnico e cultural com foco na diversidade de gênero. A abordagem utilizada foi qualitativa e dialógica, pautada na escuta das narrativas do grupo sobre suas práticas e experiências com as temáticas relacionadas ao conceito de gênero. Escutamos as narrativas sobre as relações de gênero e contribuimos, dialogando, com um grupo misto, contribuindo com suas reflexões e com seu processo de formação.

Resultados Parciais e Discussão²

Contextualizando a execução da oficina *Gênero, o que é isso?*, cabe-nos informar que em um primeiro momento, homens e mulheres escreveram em duas colunas os nomes homem e mulher. Em seguida, solicitamos que anotassem no quadro itens associados aos denominativos homem e mulher. Poderiam abordar características positivas e/ou negativas. As características foram relacionadas tanto a aspectos sociais ou biológicos, quanto àqueles referentes ao sexo ou à sexualidade. Os (as) participantes da oficina discutiram as suas denominações, e invertemos os títulos das colunas para estimular nova reflexão. Problematicamos essa mudança no quadro elaborado pelo grupo sobre as relações de gênero.

MULHER	HOMEM
Gostosa – M	Trabalhador – H
Dona de Casa – M	Monumento – M
Beleza- M	Mandão – M
Meiga – M	Machista – H/M/M
Mãe – M	Possessivo – H
Sensível – H/M	Pai – H
Chorona – H	Amigo – H
Inteligente – M	Ciumento – H
Tudo de Bom – H/H	Necessário – H
Companheira – H	Burro- H

Fonte: Oficina *Gênero, o que é isso?*, realizada em 2011, na UFT.

² Propomos dois momentos para a situação problema, mas dados os limites de espaço deste resumo nos deteremos apenas em uma amostra dos resultados referentes ao início da oficina. No segundo momento de sua realização, foram utilizadas cinco histórias, em que abordamos os seguintes temas: preconceito étnico, homofobia, religiosidade, desejo de ser pai solteiro, gênero e classe social. Os participantes, após lerem as histórias, escreveram um final para cada uma delas e discutiram as possibilidades para cada uma delas.

Dentre os atributos citados pelas mulheres sobre elas, identificamos dois papéis tradicionais, o de “dona de casa” e o de “mãe”. Todavia, em nenhum momento “elas” ou “eles” atribuíram à mulher o papel de “trabalhadora”. A “inteligência” foi mencionada por elas, revelando que pode existir uma tendência na visão das discentes, sobre elas próprias, a se enxergarem de maneira positiva.

Atributos que exaltam aspectos físicos, como “gostosa” e “beleza”, podem indicar que a mulher está mais sujeita aos apelos da sociedade de consumo, constituindo, juntamente com as crianças, os elos mais frágeis da rede mercadológica. Esses apelos talvez sejam reforçados também no imaginário deles, quando elas aparecem representadas como “Tudo de bom”. Os dados revelam, igualmente, que elas possuem expectativas relacionadas aos atributos físicos dos homens, quando os denominam de “monumento”. Já os homens não se veem como “gostosos” e “belos”; esse dado pode refletir que na representação que fazem de si mesmos talvez sejam menos afetados pela sociedade de consumo que elas.

Aparecem também qualidades nas falas delas, os atributos de “meiguice” e “sensibilidade”, revelando o que se pode esperar de uma mulher “chorona” – qualidade mencionada por eles; imagem congelada no tempo, que não admite diversidade de comportamentos femininos. Todavia, há lampejos de mudança nas expectativas masculinas, pois apesar de considerarem as mulheres como “sensíveis” e “choronas”, alguns as enxergam como “companheiras”, inclusive um deles narrou o comportamento que caracterizou como machista em um relacionamento afetivo de uma colega que aceita os caprichos do namorado, permanecendo na residência dele, a sua espera, enquanto este busca alternativas de entretenimento.

Dentre os atributos citados pelos homens sobre eles, também constatamos papéis tradicionais, que são os de “trabalhador” e “pai”, indicativo que eles se veem nos papéis sociais de provedor e reprodutor. Porém, eles também se enxergam como “amigos”, dado esse que nos sugere uma relação de poder que está sendo modificada, tendendo à horizontalização nas famílias e nos relacionamentos íntimos.

Outros se veem como “machistas”, “possessivos”, “ciumentos” e “burros”. Esse momento de catarse revela, potencialmente, as mudanças já mencionadas no interior das famílias e nos relacionamentos íntimos. Porém, a fala de um deles que partilha da crítica ao comportamento machista de alguns homens, aponta para uma concepção generalizante, quando consideram os homens como “necessários”, já que existem muitas mulheres que adotam o celibato, há aquelas que preferem chefiar suas casas sem a presença masculina, ou outras que constituem famílias homoafetivas.

Para elas, eles são “mandões” e “machistas”. Porém, “monumentos”. Essa visão não corresponde às expectativas de todas as mulheres, uma vez que muitas delas conseguem gerir suas vidas de outras maneiras, como já nos referimos anteriormente. Observamos que as mulheres, diferentemente dos homens, não se viram como “trabalhadoras”, esse fato reflete que ainda vivenciam relações de poder desiguais, e algumas, talvez, sejam menos empoderadas que eles. Durante a oficina, uma discente verbalizou que se sentiu pressionada pelo marido, que sempre reclama com ela pelo fato de a mesma “se dedicar mais aos estudos que a casa e aos filhos”. Essa mesma discente participara do projeto, no ano de 2011, como bolsista, mas solicitou desligamento.

Considerações Parciais

Por meio das narrativas das (os) colaboradoras (es) da oficina, identificamos a existência de práticas violentas nos relacionamentos afetivos das mulheres. Ou seja, relações de gênero e poder vertical, que, não raras vezes, interferem no desempenho e permanência de algumas discentes em determinadas atividades acadêmicas; entraves provocados por práticas machistas ancoradas no patriarcalismo, reforçadoras do modelo cultural androcêntrico, e que merecem ser discutidas e analisadas. Os dados demonstraram que, diante de um cotidiano histórico de restrições e interdições, as mulheres lutaram e ocuparam espaço em diversos setores da sociedade, mas ainda existem inúmeras desigualdades de gênero que precisam ser eliminadas para que mulheres em situação de violência de gênero possam viver e estudar com qualidade.

As discussões propiciadas pela oficina, com temáticas que dificilmente são problematizadas nas disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação, impactaram socialmente o grupo colaborador, uma vez que esses sujeitos podem multiplicar as aprendizagens obtidas para outros espaços sociais. Todavia, cabe apontar um dos fatores limitantes dessa prática, pois as temáticas trazidas pela oficina, quando acontecem, revelam-se por meio de disciplinas optativas que ocupam um lugar de somenos importância nos currículos das universidades públicas do país.

Ademais, considerando a microrregião do Vale do Mamanguape-PB, marcada pela diversidade étnica e cultural, reforçamos a necessidade de se retomar a discussão comeniana referente à relação conteúdo-forma, quando pensamos na articulação entre o campo teórico da História das Mulheres e das Relações de Gênero, articulando-o à diversidade dos sujeitos que fazem as Universidades. Por isso, urge repensarmos o currículo escolar, do ensino superior à

educação básica e seus desdobramentos na formação dos discentes. Propomos, pois, que as perspectivas apontadas aqui sejam discutidas e aprofundadas nos colegiados dos Cursos de Licenciaturas, com possibilidade de inserirmos uma disciplina que trate das Relações de Gênero e da Diversidade Étnico-Cultural na estrutura curricular como disciplina obrigatória desses cursos, mas também que a perspectiva apontada atravessasse outras disciplinas, onde essa proposta possa ser realizada.

Referências

CHAVES, G. da N. **O Conceito de Gênero no MST**: um estudo da sua produção escrita. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CHAVES, G. da N.; STORNI, M. O. T. **O Aventurar-se na Própria Caminhada**: desvelando histórias de leitura. Disponível: <<http://br.monografias.com/trabalhos/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura/aventurar-caminhada-desvelando-historias-leitura.shtml>>. Acesso em: 1 ago 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturada. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. Conceituando o gênero. *In: Gênero e Educação*. Caderno de apoio para a educadora e o educador. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Especial da Mulher. Prefeitura de São Paulo. Junho de 2003.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. V. 15, nº 2, jul. dez, 1990.